

Jacques Lacan

Seminário 25 - o momento de concluir

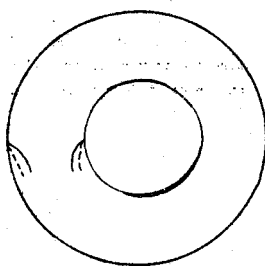
9 - aula de 21 de março de 1978 - interior e exterior

Texto estabelecido e traduzido por Jairo Gerbase em 06/06/00

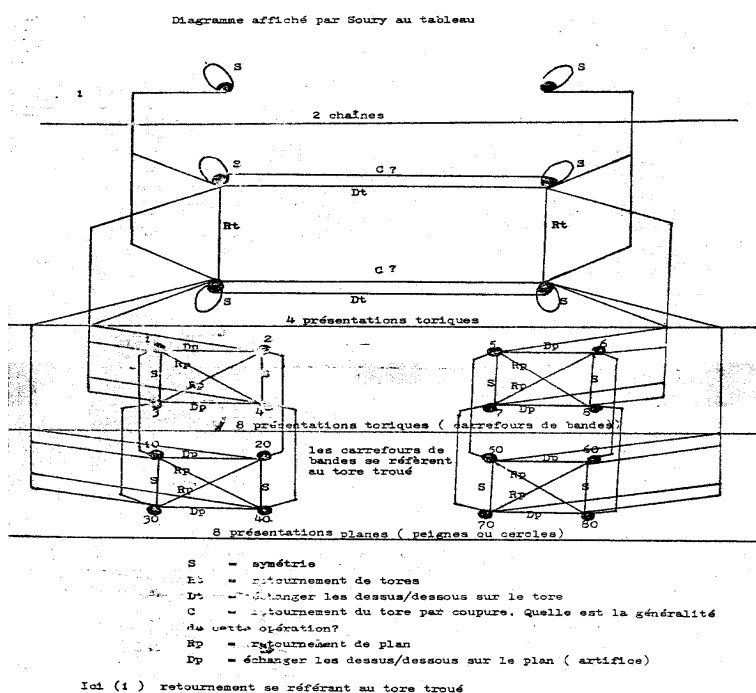
Sra. Ahrweiler, Presidente da Universidade de Paris I, pediu que anunciasse que a entrada para meu seminário de 11 e 18 de abril, se fará pela porta não da rua St Jacques mas da praça do Pantheon, porque estamos em período de férias. Ficamos reduzidos a dois seminários no mês de maio porque na terceira terça-feira haverá exames nesta sala.

Não resta dúvida que estou muito preocupado com o que é sobretudo o toro. Soury vai distribuir toros nos quais há algo de tricotado. O que me preocupa particularmente é a relação entre o que se pode denominar de toricidade e o furo [trouage]. Parece, segundo Soury, que não há relação entre o furo e a toricidade. Para mim, não posso dizer que não vejo relações, mas provavelmente faça uma idéia confusa do que se pode denominar de toro.

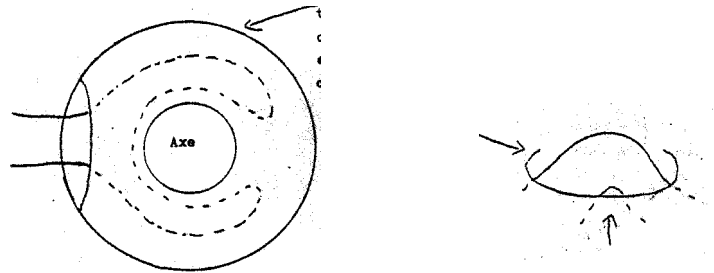
Vocês tiveram, da última vez, uma certa apresentação do que se pode fazer com o toro. Há algo que Soury vai distribuir daqui a pouco e que comporta um furo. É um furo artificial, isto é, um toro



coberto por uma tricotagem que é mais nutrida que aquele simples - e é aí que reside a dificuldade - aquele que está traçado no toro como tricô. Não dissimulei a dificuldade que comporta o fato de que sendo traçado no toro não possa passar por um tricô. Não resta dúvida que, por convenção, pensamos que é um tricô. Mas seria preciso acrescentar este complemento que pode se traçar do outro lado da superfície, ao se inverter destacando o por cima/por baixo, o que complica claramente o que podemos dizer do que se passa no interior do toro. É isso o que se manifesta na relativa complexidade do que se desenha nesse nível [nesse quadro de Soury, 3° e 4° andares].

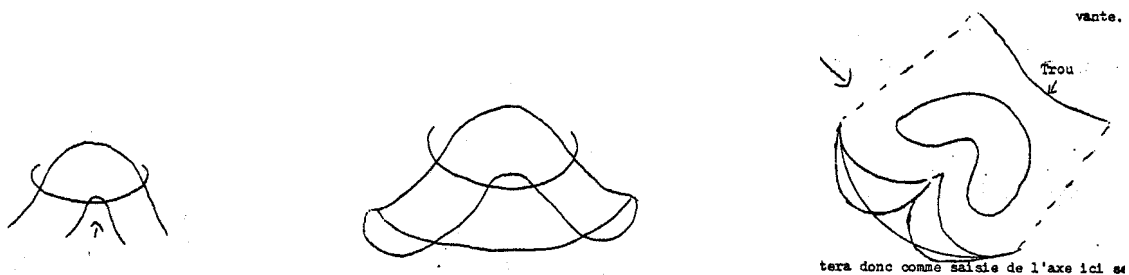


Convém dizer que a inversão por cima/ por baixo complica o negócio, porque o que há pouco chamei de complexidade desse quadro não tem nada a ver com esta inversão que se pode convencionar chamar de sua imagem no espelho, dado que está no interior do toro em vez de estar no exterior. Isso quereria dizer que há espelhos tóricos. É uma simples questão de definição. É um fato que o que passa por importante é o que está traçado no exterior do toro. Não há traços de inversão nessas figuras [quadro de Soury, andares 3 e 4] que chamei de imagem em espelho tórico. O furo é um meio de reviramento. Pelo furo é possível que uma mão se introduza, agarre o eixo do toro e, então, o revire. Mas, há outra coisa que é possível, que é que empurrando através desse furo o conjunto do toro se obtenha um efeito de reviramento.

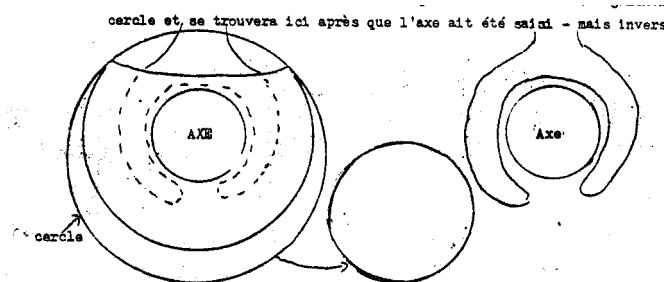


É o que Soury mostrará daqui a pouco com a ajuda de um tricô tórico um pouco mais complicado.

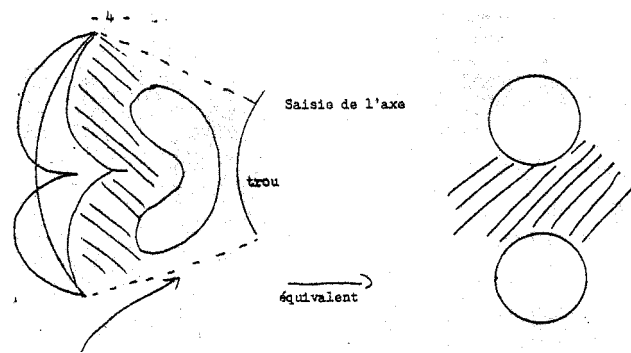
É impressionante que empurrando-se o exterior do toro obtenha-se o mesmo resultado, o que justifico dizendo que por definição este furo, não tem dimensão propriamente dita, ou seja, que ele pode se apresentar assim: o que aqui é furo pode se projetar do seguinte modo:



o que se apresentará, portanto, como agarrado no eixo aqui se encontrará inverso ao agarrado no eixo, fará com que isso esteja fora do furo, porém, dado que há inversão do toro, o agarrado no eixo fará com que o toro - isso é igualmente um simples círculo e se encontrará aqui depois que o eixo tenha sido agarrado - mas, inversamente



pode-se ver que aqui obteremos a mesma figura, ou seja, o que aqui está atraído pelo furo e aqui repulsado ao interior, depois da inversão deste que está aqui, poderá muito bem funcionar como um toro o que aqui está tornando-se o eixo.



Vou agora pedir a Soury, porque ele tem a boa vontade de estar aqui, para vir mostrar a diferença - diferença nula - que há entre estes dois modos de figurar o tricô tórico.

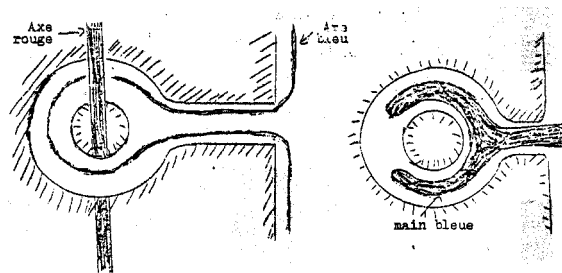
Você trouxe o objeto?

Soury - Eu distribuí.

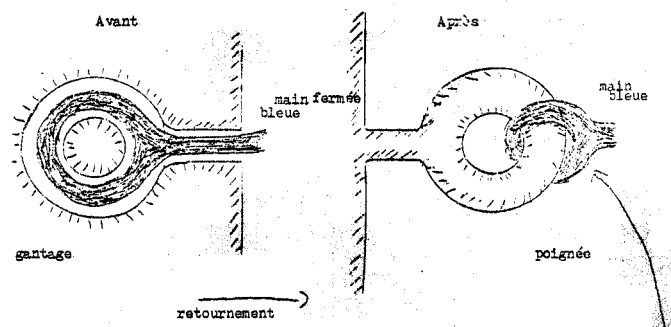
Lacan - Você distribuiu?

Pode-se ver, neste objeto, a diferença que há entre a atração do eixo e a repulsão do conjunto do toro.

Soury - Vamos lá. Trata-se, então, do reviramento do toro por furo [*trouage*]. Vou apresentá-lo do modo seguinte, isto é, como um toro que está enxertado no plano infinito.



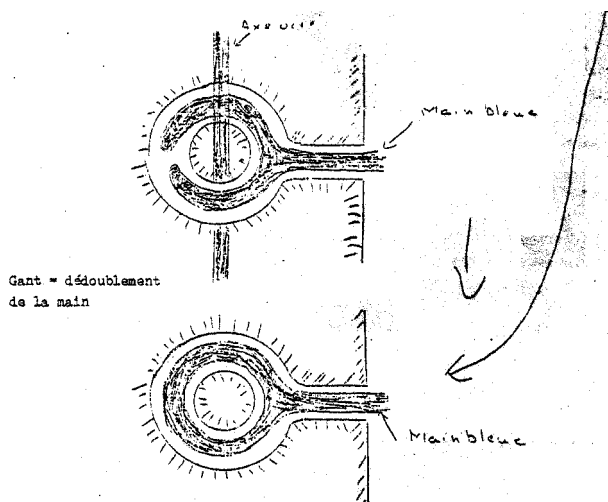
Este desenho indica que há um toro que está enxertado por um tubo no plano infinito. Lá dentro, o que corresponde ao furo [à furada - *trouage*], é esta parte tubo que faz, ao mesmo tempo, furada do toro e furada do plano infinito e, nesse sentido, é parecido. Porém, lá dentro o espaço está dividido em duas metades, e esta superfície de duas faces - uma face que desenho aqui por intermédio dos pelos na superfície e, de uma outra face. O espaço está dividido em duas metades, uma metade do espaço, a metade que está à esquerda desse plano infinito e ao exterior do toro, e que é o eixo para esse toro, e, a outra metade desse plano infinito, está em comunicação com o interior do toro, e aqui eu desenho algo que é a alma. Então, esta configuração permite indicar o reviramento. Vou indicar o antes e o depois do reviramento. Estou desenhando a mesma coisa com este antes e depois do reviramento...



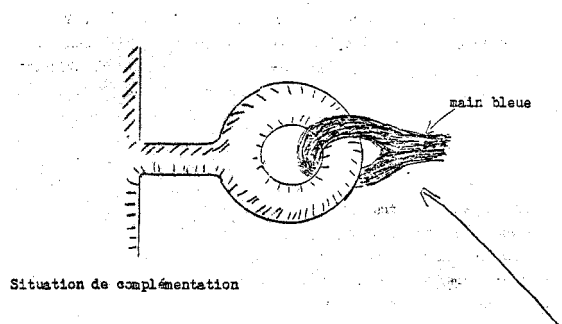
... e assim mostro sempre as duas faces pela mesma indicação. Logo, aqui está o que era a face exterior, face esquerda do plano antes, e agora, depois, faço sempre a face esquerda do plano porém que é a face interior do toro, isto é, no reviramento o que era face exterior do toro tornou-se face interior.

Então, isso é uma espécie de luva, esse reviramento é comparável a algo como o reviramento de uma luva. De todo modo não é exatamente uma luva, é uma luva tórica, é uma luva que se fecha e que agarra, e que pode se revirar e ainda assim continua uma luva que fecha e que agarra. Uma descrição que há pouco foi dada foi a de que era uma mão que vou desenhar azul assim e que vem agarrar aqui. Esta mão azul eu a caso com o vermelho, trata-se do casal interior/exterior, é uma mão que vem agarrar, que utiliza esta luva, ou seja, esta luva tórica enlupa esta mão azul e desse modo, essa mão azul presa, pode agarrar o eixo que é vermelho.

Nesse momento o reviramento pode ser descrito assim: a mão azul se puxa e se encontra assim: vou desenhá-la fechada; eis aí a mão que agarra e o braço dessa mão.



Agora modifico ligeiramente o desenho dessa mão, isto é, a desenho como uma mão que agarra mas não deixo mais a indicação de que os dedos não se fecham de novo. Primeiramente desenhei a mão de dois modos diferentes, depois modifico o desenho de uma das mãos a fim de indicar que é uma mão que agarra, o que indico com a mão fechada. Modifiquei portanto o desenho da mão como mão fechada, mão que agarra algo.



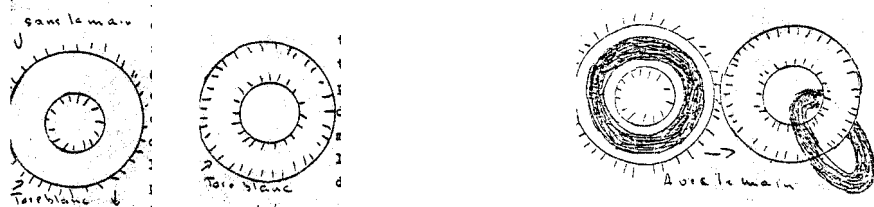
Então, aqui se nota sua relação com esse toro, nota-se que ela está enluvada por esse toro e aqui sua relação com o toro, ou seja, ela está em situação de aperto de mão com o toro, ou seja, que ela passa por uma situação de desdobramento, a luva sendo o desdobramento da mão e aqui em situação de complementação, ou seja, que as duas mãos que estão em aperto de mão se complementam uma à outra. Estes são dois toros complementares, dois toros enlaçados, a mão que agarra sendo ela mesma um toro.

Isto é o antes e o depois do reviramento. Por isso o reviramento pode ser precisado pela situação desta mão que está de luva, ou seja, que faz um aperto de mão. Não é indispensável indicar que se essa mão não figurasse aí, se essa mão estivesse ausente, o reviramento ainda assim poderia ser figurado, o que quer dizer empurrar tudo isso no furo. Quer dizer, o reviramento dessa luva tórica pode ser feito empurrando-a no furo, pois a passagem, do antes ao depois que está representada aqui, não tem necessidade de ser definida por uma mão que agarra, que solta e que se encontra assim lá. Esta mão primeiramente interior, que torna-se mão complementar, não é indispensável, e o reviramento talvez possa ser definido simplesmente como empurrar no furo toda esta parte, a parte tórica, e basta empurrá-la no furo para que ela se encontre do outro lado. Dito de outro modo, o agarramento aqui

contribui bem para descrever o reviramento. A passagem do enluvado para o punho cerrado, ou seja, a passagem do desdobramento do toro ao complementar do toro, portanto, o agarramento lá dentro, é o que serve para indicar que no momento do reviramento há passagem do desdobramento ao enlaçamento. Mas, não é indispensável a mão lá dentro, pois ela apenas mostra o toro complementar; a mão lá dentro vale para o toro complementar, enquanto o reviramento pode ser feito mesmo se o toro complementar não está presente e empurrando tudo isso. Empurrando tudo isso através do furo, temos isso, ou seja, pode-se empurrar aliás tudo, pode-se empurrar o toro e a mão, e temos isso, isto é, lá dentro a mão que agarra não é mais do que um desdobramento do toro que portanto não é indispensável ao reviramento. A diferença entre a descrição sem a mão ou com a mão é a diferença entre fazer o reviramento de um toro [que aqui é branco] ou de um toro desdobrado [que aqui é azul].

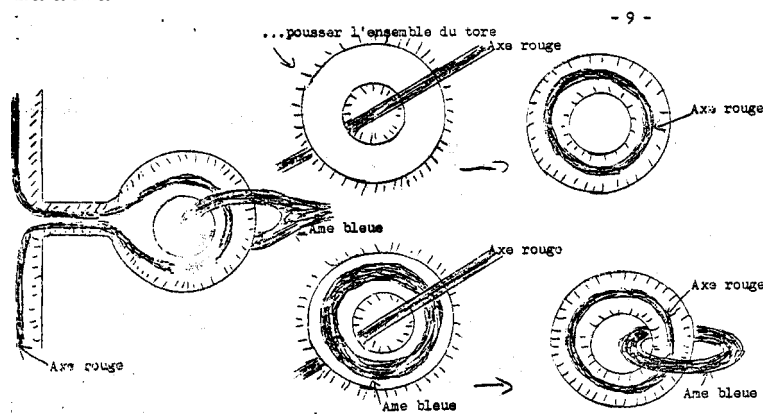
Então, desenho as duas descrições do reviramento - exceto que acabo de cometer um erro, lá está em azul - redesenho então o que estava desenhado precedentemente, isto é, precedentemente este toro com seu exterior aqui. Aí está a face exterior do toro que está virada assim, a face exterior torna-se face interior. E aqui é a mesma coisa, mas o toro está desdobrado pela mão.

Logo, são duas apresentações, são duas descrições aproximadas do reviramento, em um caso o toro isolado, no outro caso o toro com seu duplo, que é, ou o duplo por desdobramento, ou o duplo por enlaçamento, o duplo por desdobramento podendo ser imajado como a situação de enluvamento e o duplo por enlaçamento podendo ser imajado pela situação de aperto de mãos. Bon. Voilà.



Ribettes - Você pode situar a posição do eixo?

Soury - O eixo posso recolocá-lo aqui. Então, a mão com luva agarra o eixo. No momento do reviramento o eixo torna-se alma. Então, em cada figura abaixo, o eixo está aqui, e depois do reviramento ele se torna alma.



X - Por que a imagem de aperto de mão, ela tem um aspecto tão...

Soury - Por que a imagem de aperto de mão...

X - ... tem o aspecto tão...

Soury - Por que a imagem de aperto de mão tem o aspecto tão... duro?

Bem, o aperto de mão é completamente fechado. São anéis que estão fechados. E não há escolha senão entre o aperto de mão ou o enluvamento [gantage]. Enfim, lá dentro, a leveza não permite senão a passagem do aperto de mão ao enluvamento. Ela não permite... Enfim, o que é mãos que se abrem e que se fecham, não sei nada disso. Temos aí mãos tóricas, mãos fechadas.

Lacan - Você acha que se trata de empurrar? Neste modo de fazer, não pode se tratar senão de empurrar o conjunto do toro. Foi por isso que você falou há pouco de antes/depois do conjunto de toro.

Soury - Sim, sim.

Lacan - Ficamos por aqui hoje. Nos vemos em 11 de abril.